

PODCAST
**TERRITÓRIO
VIVO** UM PAPO RETO COM QUEM
CONECTA A ARTE E O CORRE



Episódio 03 - Macaé Território

Kinnie [cantando]: Eu, eu vejo ouro na sua alma. Tem jeito de quem vai brilhar. A vida te pede mais calma. O que é seu ninguém vai tirar. Ora iê iê. Ora iê iê oh.

Kinnie: Me arrepio todinha, toda vez que eu canto essa música me arrepio. Até a cabeça, não tem nem cabelo, mas arrepio.

Samara Costa: Macaé é conhecida por muitos nomes: cidade do petróleo, polo industrial e lugar de trabalho. Mas existe um outro território, menos visível e até menos falado que vibra e reverbera. Um território feito de som.

E como em todo episódio do Território Vivo, a gente faz esse caminho junto com quem vive e cria nesse lugar. Porque conhecer um território também é escutar seus artistas que transformam suas vidas em expressão.

Eu sou Samara Costa e esse é o Território Vivo, um podcast Firjan/Sesi. E você, vem com a gente nesse corre?

Localizada no Norte Fluminense, Macaé cresceu rápido. Muito rápido. A partir dos anos 70, com a chegada da indústria do petróleo a cidade se transformou bastante. Gente de todo o Brasil chegou. Culturas diferentes e como resultado, histórias diferentes. E, com elas... sons

>>>> som de batidas de rock, samba e hip hop <<<<<

Macaé não tem uma única cena musical dominante. O que existe aqui é uma mistura boa! Rock, reggae, rap e samba.

Cada estilo ocupa um espaço dentro e esses espaços dizem mais sobre o território do que qualquer mapa.

Kinnie: Sou uma mulher negra e tenho 1,67. Sou careca. Estou usando um óculos. Um óculos meio quadrado assim mas que casa mais ou menos perfeitamente no meu rosto. Inclusive eu fico muito bem de óculos, qualquer um.

Samara Costa: Essa é Kinnie. Nascida no Rio de Janeiro, mas hoje enraizada em Macaé, ela construiu com a cidade uma relação de pertencimento. Tanto que recebeu o título de cidadã macaense, reconhecimento de um território que também se reconhece nela.

Cantora, compositora e mulher de axé, Kinnie abre esse episódio com a própria voz. A música que escutamos no início nasce de um lugar íntimo: uma composição inspirada na força de Oxum, orixá das



águas doces, do amor e da fertilidade da vida.

E é justamente nesse encontro entre espiritualidade e criação que sua arte se forma. Se a música é expressão, o axé é estrutura.

Kinnie: Não tinha muita experiência de palco, mas eu já tinha desde pequena uma coisa que eu carrego em mim, que é o axé. E aí eu fui descobrir o axé um pouquinho mais velha também, mas ele já estava ali. Essa movimentação de corpo em cima do palco, essa forma de me colocar no mundo diferente de um padrão, de uma caixa assim.

Samara Costa: A experiência artística dela não se separa da vida. As duas coisas caminham juntas. A Kinnie, além de espiritualizada, enxerga o mundo por uma ótica muito própria. E a nossa conversa foi assim: atravessando o trabalho, mas indo além, chegando na forma como ela lê a vida. Na trajetória dela, teve uma ideia que aparecia o tempo todo. Um tipo de chamado.

Aquele momento em que você percebe que não dá mais pra adiar. E esse ponto de virada não vem leve. Ele vem com tensão, com dúvida. Com um certo desconforto entre o "ainda não" e o "agora é". Um espaço onde o medo não desaparece. Ele participa da escolha.

Kinnie: E às vezes a gente tem um medo tão grande de brilhar, um medo tão grande de encarar o que é nosso. Medo mesmo de pegar o que é nosso e falar assim, isso aqui é meu, é meu, não é de ninguém, é meu, está me esperando.

Samara Costa: Essa certeza de alguma forma nasceu cedo, antes mesmo de qualquer noção de carreira ou palco. É uma descoberta do som pelo corpo. Na infância, ela criava uma espécie de brincadeira com a própria percepção sonora. Entrava dentro de uma caixa de papelão e transformava aquilo em instrumento.

Kinnie: Eu comecei com a música lá quando eu era pequena. Eu entrava dentro de uma caixa de papelão... Ficava sentindo a acústica. E desde muito cedo eu já tinha esse movimento com instrumentos, vendo meu pai tocar. Sempre com o ouvido muito afinado.

Samara Costa: Anos depois, esse caminho encontra um ponto decisivo: o palco. E, curiosamente, não é qualquer palco.

Kinnie: Sabe, existe uma coisa no cérebro, a química do cérebro, quando você vê uma pessoa que você não vê há muito tempo, que é uma pessoa que você ama demais, ou, sei lá, essa foi a minha percepção aqui hoje. Quando eu cheguei aqui, eu entrei por um outro caminho que eu nunca tinha feito, que era o caminho por trás, né? E aí eu entrei e a química do meu cérebro, tipo assim, foi assim: meu Deus do céu, estou aqui nesse lugar onde tudo começou!

Samara Costa: E é nesse momento da nossa conversa que Kinnie se dá conta de algo fundamental: o próprio caminho já vinha sendo construído há muito mais tempo do que ela imaginava. Ela estava dando entrevista sobre seu trabalho no mesmo lugar em que ela subiu ao palco pela primeira vez. Foi por volta de 2009, No palco do Teatro FIRJAN/SESI.

Kinnie: Lá por volta dos meus 15, 16, 17 anos, foi quando a gente volta a esse mesmo palco que a gente está aqui hoje. Que foi a primeira vez que eu pude ir no palco na minha vida, foi aqui nesse palco.



Samara Costa: O pai da Kinnie tinha se inscrito no SESI Música, uma competição em que funcionários da indústria e seus dependentes podiam apresentar músicas inéditas para um júri. Funcionava quase como um programa de calouros: palco, plateia, apresentação ao vivo e torcida. O pai dela chegou a ser classificado pras apresentações, mas apareceu um problema de última hora: o parceiro que cantaria com ele não poderia participar. E foi aí que ele teve uma ideia.

Kinnie: Então ele me mandou como intérprete. Por que ele me mandou como intérprete da canção? Porque ele cantava uma parte mais alta da música e ele não conseguia. E aí eu entrei dentro do quarto e aí ele tomou um susto como eu conseguia cantar aquela nota que ele não conseguia atingir. Enfim, aí viemos pra cá e aí foi a primeira vez que eu fiquei num hotel. A gente tinha uma professora de canto que nos acompanhava. A gente vinha uns três dias antes, fazia aula pra soltar o corpo, aula de aquecimento vocal... A gente ia pro hotel. A primeira vez que me deixaram num hotel, na Barra, frente mar.

Samara Costa: Relembrar do início faz Kinnie se dar conta do presente. Do tanto que os caminhos se abriram e os lugares que eram até distantes conseguiram ser percorridos. E olhar pra trás, nesse caso, não é só lembrar do começo. É reconhecer tudo o que foi construído até aqui.

Kinnie: Então, para mim é muito bonito ficar com essa memória, assim, toda hora que eu olho para cá e para você, eu fico com a minha memória repassando momentos. E eu via que eu era uma Kinnie crua, assim, não tinha muita experiência de palco.

Samara Costa: Hoje, ela vive um momento de expansão. Depois de anos circulando por palcos, participar de programas de TV como The Voice Brasil, sua música ganhou novas camadas de alcance. Uma composição escrita anos atrás encontrou, finalmente, o seu momento chegando a milhões de pessoas que nem ela mesma imaginava quando compôs. Mas o que parece explosão, na verdade, é maturação.

Kinnie: Uma música em novela, em Beleza Fatal, todo mundo cantando a música, duas milhões de pessoas no último episódio, conhecer Camila Pitanga. Entender esse crossover entre personagem e quem escreveu a música. As pessoas achavam que eu tinha escrito para a novela e não foi. Já tinha escrito há cinco anos atrás. Só que aí casou de cinco anos depois, quando estava ali, a música da Lola, eu consegui entender que eu era linda, chique, sexy e braba. Quando eu escrevi, eu já não achava. Era o momento da minha vida muito difícil.

Samara Costa: Esse sucesso inesperado veio depois de anos de lançamento da música. E mostra que, num cenário onde tudo parece urgente para lançar, performar e viralizar, Kinnie escolhe desacelerar.

Kinnie: A gente tem "Thriller" do Michael, tem "Hey Ya!" do Outkast, enfim... A própria Lizzo demorou sete anos pra poder organizar e explodir as músicas dela. E então a mesma música ali, né? Então acho que é isso. A gente não precisa fazer mais música. Às vezes, que a indústria tem isso hoje, você precisa fazer música atrás de música pra ter que lançar. É top não sei o que, é top não sei o que lá. E às vezes os artistas, e não é porque eu tô com preguiça de fazer música, se me botar num estúdio, nós vamos junto. Mas será que vai ser certo o suficiente nesse momento?

Samara Costa: Com o passar do tempo, Kinnie aprendeu a olhar para cada convite como algo único. Não importa o tamanho do palco. Seja para milhares de pessoas no Bloco da Kynnie, seu próprio bloco de carnaval em Macaé; ou para um público pequeno. O compromisso é o mesmo: estar inteira. E ela consegue.



Kinnie: eu vou com entrega, com o peito aberto, 100% naquele lugar, naquela hora. Porque eu sei que além de mim teriam outras milhões de pessoas e milhares de pessoas que gostariam de estar tendo essa oportunidade também e às vezes não tem. Então quando a gente tem, a gente tem que aproveitar.

Samara Costa: Existe uma diferença sutil, mas profunda, na forma como Kinnie é percebida dentro e fora de Macaé. Fora da cidade, o reconhecimento vem com certa distância. Um olhar de admiração, quase como quem observa algo que já ganhou o mundo. Dentro, é diferente.

Kinnie: Sinto que fora de Macaé, as pessoas falam, uau, é Kine e tal, nossa, como se tivesse uma distância muito grande. Dentro de Macaé, o pessoal tem isso também, mas sabe que tem uma proximidade maior. Ah, ela malha comigo, ah, ela faz uma aula comigo, ah, ela brinca comigo, ela conta da vida dela, vai fazer uma unha, conta da vida, do relacionamento, brinca e tal.

Samara Costa: Essa relação com a dedicação não vem de agora. Vem de casa. O pai, músico por vocação, precisou fazer escolhas práticas para sustentar a família. Seguiu outro caminho profissional, mas nunca abandonou a música.

Entre a geofísica e os palcos, construiu uma trajetória possível, equilibrando responsabilidade e seu grande sonho. Nas memórias da infância, Kinnie relembra que seu pai trabalhava subindo morros para alertar aos moradores sobre o risco de deslizamento. Via no pai uma responsabilidade grande que poderia definir a vida de muitas pessoas.

Kinnie: E aí as pessoas falavam, mas você sai daqui para onde eu vou? E meu pai veio do Morro do Andaraí, um cara que foi criado ali, onde a mãe era analfabeta, mas com três filhos, mostrava o poder do estudo. Então, o legado da minha família é através do poder do estudo.

Samara Costa: Ninguém constrói nada sozinho. O caminho pode até parecer individual em alguns momentos mas, quando ela olha para trás, o que se mostra é outra coisa. Gente! Pessoas que estiveram ali em momentos chave. Que abriram portas e foram referência.

E entre essas pessoas, uma presença foi decisiva: Preta Gil. Foi ela quem incentivou Kinnie a ocupar o próprio espaço. A não se diminuir e aceitar que ser grande é uma benção. E Preta compartilhava ensinamentos com Kinnie sem rodeios.

Kinnie: E teve uma vez que eu subi no palco e eu fiquei acanhada, eu desci do palco. Ela me deu um esporro, ela falou assim: "olha, você nunca mais deixa homem entrar na sua frente pra cantar mais do que você. Você vai e canta você, porque era o seu momento, você tinha que cantar e é você que tinha que cantar. Não se abaixa não. Vai e vai. Entendeu?" E eu assim: uhum, uhum. E ela: "e eu tô falando isso porque eu te amo".

Samara Costa: E talvez seja justamente por isso que, quando Kinnie fala sobre território, ela não fala de geografia. Ela fala de relação. Do que foi construído junto ao longo da sua trajetória. Porque são essas presenças; como a de Preta, da família, da fé, e de tantas outras pessoas que atravessaram o caminho; que sustentam essa ideia de território vivo. Não como algo individual, mas como algo coletivo.

Kinnie: Território vivo é saber que a gente não chega a lugar nenhum sozinho... é ocupar, sonhar e brilhar coletivamente. Então, para a gente ocupar e ter um território vivo, a gente precisa estar com outras pessoas junto com a gente. É ocupar os espaços junto no coletivo, é elevar o coletivo,



é sonhar coletivamente, é brilhar coletivamente. Eu acho que um território vivo, ele só é vivo, por conta do coletivo, ou, explicando melhor, quando eu subo no palco, com 30 pessoas, como foi no carnaval, eu tenho o sonho de 30 pessoas.

Amanda Amado: Eu tenho 1,68m, tenho a pele parda, sou uma mulher negra de pele parda, cabelo crespo, bem cheio, no momento estou com o cabelinho preso.

Samara Costa: Essa é Amanda Amado. A caminhada artística dela começa muito antes de subir no palco. Nascida e criada em Macaé, é dentro de casa que a música aparece. O primeiro contato vem ainda na infância. E vem com uma pessoa que reúne história e força: a avó.

Conhecida como Tia Gessy, ela não só apresentou Amanda à música. Ela apresentou um universo inteiro do samba. Uma das precursoras do movimento de mulheres sambistas no Rio de Janeiro, Tia Gessy carregava o samba como quem cuida de algo muito importante. E isso atravessou gerações.

Amanda Amado: Eu entendi o que era o samba a partir da minha avó, que foi uma das precursoras do movimento de mulheres sambistas daqui do Rio de Janeiro. Ela é nascida também em Macaé, mas veio muito cedo para o Rio de Janeiro. E aqui, aos 13 anos, ela já começou a fazer a movimentação dela. E se introduzindo no samba e passou isso pra mim em 93, quando eu nasci. E a partir daí eu comecei, fato da minha vida de artista, né?

Samara Costa: Mais do que aprender a cantar, Amanda cresceu dentro desse ambiente. O samba não era só som, era quintal. Tem algo muito afetivo ali. Enquanto o samba estruturava suas raízes, outro movimento também atravessava sua trajetória: o hip hop.

>>>> som de beat de hip hop <<<<<

Ainda em Macaé, Amanda participou de projetos sociais e culturais onde essas duas linguagens podiam coexistir. De um lado, a tradição. Do outro, a potência urbana contemporânea. E é nesse cruzamento que ela começa a construir quem é. Não só como artista, mas como mulher.

É também em Macaé que surgem as primeiras oportunidades pra Amanda ainda menina. E no começo de tudo, um dos primeiros lugares a abrir portas pras duas foi o palco do Teatro Firjan/SESI.

Amanda Amado: Foi um lugar que me acolheu muito na cidade de Macaé, fiz muitos shows, tive muita oportunidade de ser conhecida por instituições que já iam para esses lugares, para esse teatro, assistir outros espetáculos e acabavam me conhecendo. E, a partir dali, eu comecei a fazer shows fora da cidade, fui saindo da cidade ainda com 13, 14 anos. E aí eu venho para o Rio de Janeiro de novo, e aqui eu consigo mostrar para mais pessoas o que eu venho fazendo lá na minha cidade.

Samara Costa: Com o apoio da avó, Amanda passa a frequentar rodas de samba e se inserir mais nesse espaço. Com o passar dos anos, essa trajetória vai se consolidando. Mais de duas décadas depois, Amanda olha para trás e reconhece um caminho contínuo feito de herança e prática.

Amanda Amado: E a partir dali é isso, eu fico conhecida como cantora de samba. E é como eu me identifico hoje, cantora de samba e pagode, aos 33 anos.

Samara Costa: Mas essa história não começa nas rodas. Começa antes. Muito antes. Antes de tudo,



tinha o karaokê daqueles que ficam no boteco. E Amanda era uma insistência sem fim.

Amanda Amado: E eu perturbava meus pais para me levarem Me levam, me levam, eu quero cantar, mas ainda é como uma coisa de criança E aí meu pai começou a me levar com tanta frequência Que eu já não pagava mais para cantar nesses bares.

Samara Costa: Ela tinha seis anos e na época morava em Vila Isabel. No início dos anos 2000, karaokê era febre, principalmente nos bares de bairro. Pra falar a verdade até hoje tem um karaokê em algum boteco em Vila.

Amanda Amado: E aí a minha avó, como eu falei antes ela, como uma mulher do samba, uma mulher do movimento, ela já sabia. Embora ela não fosse cantora, embora ela não tivesse essa noção técnica, nada disso ela já sabia o que era bom, o que era ruim, e ela identificou ali, mais ou menos, caramba, Amanda sabe cantar.

>>>> som de pessoa cantando em karaokê no bar <<<

Samara Costa: Até então, ninguém da família era artista. Não tinha referência direta, nem plano. Mas tinha talento. E teve quem soube enxergar isso. O incentivo da família veio rápido, de um jeito simples, direto igual samba. A avó dela fez uma escolha que mudaria tudo: fez a melhor compra possível pra menina Amanda.

Amanda Amado: E aí ela me dá um karaokê, eu tinha sete anos, e como eu fiquei cantando muito, muito, muito ali, aí servia como um estudo, né? Só que aí a minha mãe e meus pais viram que aquilo ali tava indo pra um lugar...

Samara Costa: Ainda muito nova, coisa de 10, 11 anos, ela entra pra uma banda. Já era um ambiente mais profissional, mas ainda com aquele frescor de quem tá descobrindo tudo ao mesmo tempo. Entre ensaios, viagens e convivência com artistas mais velhos, Amanda vai acumulando repertório e casca. Nos anos seguintes, ali por 2002, 2003, começam os primeiros palcos maiores em Macaé.

Samara Costa: A cidade onde ela cresce vira também o primeiro território de trabalho. De volta a Macaé, depois de uma infância dividida com o Rio de Janeiro, ela começa a cantar direto: bares, eventos, shows em formato voz e violão, mesmo sem tocar violão ainda. O improviso resolvia. No samba, sua avó continuava a abrir caminho. Na marra, no carão.

Amanda Amado: Ela me levava nos pagodes, eu era sempre muito questionada nas vezes que ela falava: "Ó, minha neta canta. Chama a minha neta para cantar aí". "Mas ela canta mesmo?" Mas aí você olhava para a roda de som, os filhos dos caras, que eram meninos, estavam já tocando, estavam sempre com um pandeirinho na mão, estavam sempre tocando um surdo, sempre tocando ali um cavaquinho, mesmo que de brincadeira Mas você não via tanta menina. Aliás, você não via menina.

Samara Costa: E isso diz muito sobre como alguns espaços culturais também são atravessados por gênero. Mesmo dentro de um lugar tão coletivo quanto o samba, existia, e ainda existe, uma ideia silenciosa de quem pode ocupar a roda e quem precisa provar que merece estar ali.

Amanda cresceu enfrentando esse olhar. Ainda enfrenta. E talvez por isso a presença da avó tenha sido tão importante. Com cerca de 12 anos, Amanda já tava cantando na noite, sempre com autorização



dos pais. Mas é em 2011 que Amanda escolhe focar totalmente na carreira solo. O samba e o pagode deixam de ser só parte do trajeto e viram centro. E aí, logo depois, vem outra virada. Em 2012, surge The Voice Brasil.

Amanda Amado: Eu me inscrevi, fui até bem, fui até as oitavas de final. E na minha cidade, que é Macaé eu virei uma celebridade naquela época. Em 2013 a gente ainda não tinha tanta essa coisa do Instagram. Ainda não tinha tanta essa coisa do celular na mão o tempo todo. Então a TV ainda era muito forte. E aí na minha cidade eu fiquei muito forte em relação à mídia, porque eu era a artista da cidade que estava ali na Globo, enfim, aparecendo.

Samara Costa: A participação no The Voice Brasil marca uma virada concreta na trajetória de Amanda. O que antes vinha acontecendo de forma mais gradual ganha outra escala. A visibilidade aumenta, a agenda começa a crescer e surgem novos contatos, empresários, convites, possibilidades.

Com o tempo, Amanda aprende que cantar nunca é a mesma coisa duas vezes. Cada show, cada roda, cada encontro transforma o que a música é e o que ela significa. E, às vezes, um encontro muda tudo.

Um desses momentos acontece quando ela ainda está construindo seu caminho, dentro do universo que herdou da avó. No meio de uma apresentação, aparece alguém que já fazia parte da história dela, mas de outro lugar. Xande de Pilares. Um nome forte do samba. Mas, pra Amanda, alguém muito mais próximo.

Amanda Amado: E ele era, assim, o filho que a minha avó não teve, né? Enfim, de um cara que estava ali no pagode dela, cantando, levando público, era um cara que ela investia... Enfim, deu cavaquinho pra ele, deu camisa pra ele, deu pra que ele pudesse fazer show. Então ele é um cara que foi muito marcante, assim, na minha vida e na minha carreira, no início. Um cara que sempre me incentivou.

Samara Costa: Hoje, Amanda se apresenta em diferentes lugares. Mas Macaé continua sendo casa. É lá que ela segue voltando nos eventos da prefeitura, nos shows pela cidade e até no próprio palco do Firjan SESI Macaé, onde parte dessa trajetória também foi construída.

Amanda Amado: Desculpa a emoção porque continuar é difícil pra cacete. Continuar é muito difícil, assim... É... As pessoas que trabalham com a gente também sentem essa dificuldade. É uma luta que cansa muito, cansa muito, assim, você não ser reconhecido, você não ser valorizado, as pessoas acharem caro você estar ali, sabe.

Samara Costa: Falar sobre isso ainda emociona Amanda. Porque, às vezes, nem ela mesma sabe explicar exatamente por que continua. Talvez seja amor. Talvez insistência. Talvez um pouco de loucura boa, daquelas necessárias pra seguir apostando. Mas ela tem uma certeza no meio disso tudo:

Amanda Amado: Macaé descobriu, né, cara, me fez descobrir que eu sou artista, assim, e acolheu muito o meu sonho e muita gente acreditou e acredita em mim e eu acho que desistir não dá, né? Tem muita gente que confia, eu também confio em mim, confio, claro que confio. Mas tem muita gente também por trás disso tudo, sabe? Tem meus pais, tem meu pai que já faleceu, mas que acreditou muito em mim, me colocou muito nas costas e me levou nos lugares para eu ser vista.

Samara Costa: Vindas de Macaé, Kinnie e Amanda carregam no corpo e na voz as marcas de um



território que não só formou as duas, mas impulsionou também. Antes do The Voice Brasil, dos shows fora da cidade e dos novos palcos que apareceram pelo caminho, foi em Macaé que tudo começou. E agora, enquanto atravessam outros territórios com a própria música, elas acabam levando um pedaço da cidade junto também. E Macaé segue assim: ecoando longe, em outros territórios.

E esse foi o primeiro episódio contado a partir do território de Macaé! Agora se você quiser ver os bastidores, acompanhar de perto o trabalho e conhecer melhor Kinnie e Amanda, é só colar no Instagram: [@firjansesicultura](https://www.instagram.com/firjansesicultura). A conversa não acaba aqui. Ela continua por lá. E a gente se encontra no próximo episódio. Tchau!

Território Vivo é um podcast com a idealização da Gerência de Cultura e Arte da Firjan Sesi. A realização é da Firjan Sesi e a produção é da Gandaia.